

## A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DE *O CORTIÇO*: UM RETRATO DO BRASIL DO FIM DO SEGUNDO IMPÉRIO

Camila Elis Fritsch<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa apresentar reflexões sobre a obra literária *O cortiço* de Aluísio Azevedo vinculando a história do Brasil no final do século XIX, considerando que esta é destacada como uma alegoria do Brasil nesta época, além de ser renomada como a melhor representante do movimento naturalista brasileiro. Observa-se que os valores e as relações sociais citadas na ficção da obra estavam presentes no contexto vivido pelo país, ou seja, temos um interessante cenário da sociedade brasileira a explorar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Realismo; Cortiço; Brasil.

**ABSTRACT:** The present article aims to present reflections on the literary work. The story of Aluísio Azevedo linking the history of Brazil at the end of the 19th century, considering that this is highlighted as an allegory of Brazil at this time, besides being renowned as the best representative of the Brazilian naturalist movement. It is observed that the values and social relations cited in the fiction of the work were present in the context lived by the country, that is, we have an interesting scenario of Brazilian society to explore.

**KEYWORDS:** Realism; Tenement; Brazil.

### Introdução

É inato do ser humano a busca de dar sentido ao mundo e a si mesmo e a literatura atua como um importante meio nesta descoberta. O texto literário permite ao leitor aprender, questionar, viver, comparar, transformar-se, divertir-se, assumir uma postura crítica e conhecer diferentes visões de mundo. Para Candido (1972), a principal função da literatura é o seu caráter humanizador que exprime o homem e depois atua na sua própria formação. Desse modo, constata-se a importância da literatura que transpõem a existência do homem retratando os seus hábitos e sentimentos e a forma que convive com o que sente.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz.

A obra *O cortiço* de Aluísio Azevedo (1890) é considerada a melhor representante do movimento naturalista brasileiro. Nela, percebe-se a descrição fiel e esmiuçada da vida em todos os aspectos tal como o objetivo dos escritores naturalistas. O romance foi escrito perante a um cenário de relevantes transformações como a Abolição da escravatura e a Proclamação da República, portanto, a obra registra o efervescente desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro e descreve a sociedade carioca e suas relações sociais.

A proposta deste artigo é analisar a obra literária *O Cortiço* relacionando-a com o momento histórico do Brasil que é retratado por Aluísio em detalhes. O artigo enquadrará a obra ao contexto histórico analisando e contrastando os fatos fictícios e o que acontecia a respeito da sociedade brasileira e suas relações sociais, econômicas e de poder. Para tanto, o texto está dividido em 4 seções. Inicialmente serão apresentadas algumas reflexões sobre a Literatura e a História; seguindo, será analisada a narratividade da obra sucedendo articulações e apontamentos sobre a representação histórica de *O cortiço*; por fim, serão feitas as considerações finais.

### **1. Literatura e História:**

Na metade do século XIX nasceram, na literatura brasileira, 3 novos movimentos literários: o Parnasianismo, o Realismo e o Naturalismo. O Parnasianismo na poesia, e o Realismo/Naturalismo na prosa sendo estes últimos muito próximos.

A literatura, neste período, não se preocupava mais em retratar a família burguesa como no Romantismo. Agora, outras classes sociais como a média e a baixa, passam a fazer parte dos enredos. As crises de matrimônio, o papel feminino na sociedade e a classe trabalhadora também passam a marcar presença nas obras desta época.

O Realismo tinha o foco relatar a realidade do jeito que ela é, interna e externamente. As relações sociais predominavam os enredos onde as cenas, os ambientes e os comportamentos eram descritos minuciosamente.

A obra de Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, pertence a este movimento onde os autores foram fortemente influenciados pelo português Eça de Queirós e o francês Stendhal. Azevedo, ainda,

fora influenciado pelo também francês Émile Zola. Alfredo Bosi (1994), assim se refere ao autor e sua obra:

“Só em *O cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de mostrar o enredo em função de *pessoas*, ateve-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras.”  
(BOSI, 1994, p. 190)

De acordo com o Realismo Naturalista, Aluísio Azevedo retrata a ação do espaço e a força de instinto dos personagens da mesma forma que o cortiço, por vezes, se destaca mais que os seus moradores por ser descrito como um organismo vivo. De fato o leitor tem a impressão de que este também é um personagem conforme a seguinte descrição de um amanhecer no cortiço:

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.”.  
(AZEVEDO, 2015, p.37)

Além disso, o ambiente influencia na conduta dos seus habitantes como acontece com Jerônimo que inicia a história como um honesto trabalhador, mas que seduzido por Rita Baiana passa a ser um preguiçoso e desleixado rapaz.

O Realismo registrou a história do fim do Império brasileiro enquanto que o Naturalismo descreveu olhares sobre este meio; um com caráter psicológico e outro com caráter sociológico. Realismo e Naturalismo andaram de mãos dadas, pois ambos retrataram o comportamento humano e a forma como o meio o influencia. O Realismo apontou aspectos e o Naturalismo denominou posições para estes.

## **2. A narratividade de *O Cortiço*:**

A obra é narrada em terceira pessoa, sendo que o narrador é onisciente conforme o movimento naturalista. A narrativa acontece no Brasil do século XIX, sem referência de datas, porém, o leitor constrói uma ideia de tempo de acordo com o desenvolvimento do cortiço e o enriquecimento de João.

Os personagens do cortiço fictício de Azevedo vivem e trabalham nele, contam boatos e protagonizam amores e desamores. João Romão é um português ambicioso que é capaz de tudo para enriquecer cada vez mais. Bertoleza é sua amante e criada. Miranda é um rico português, devido ao dote de sua esposa Estela, que reside ao lado do cortiço. Zulmira é filha de Miranda e futura pretendente de Romão. Jerônimo, um português trabalhador e honesto, gerente da pedreira de João e casado com Piedade. E Rita Baiana é a mulata popular do cortiço que namora Firmo. Alúcio ainda exhibe outros moradores do cortiço como as lavadeiras, trabalhadores e outros vizinhos.

Alúcio explora dois espaços. O cortiço onde os pobres vivem em casebres desorganizados que exhibe a mistura das raças e a desordem das classes mais baixas. Junto do cortiço estão a pedreira e a taverna de Romão. O outro espaço é o sobrado nobre de Miranda e sua família, que representa a burguesia que ascendia no século XIX.

No cortiço vive João Romão, um ambicioso e ganancioso comerciante português que se priva do luxo para gastar seu dinheiro com negócios que lhe deem ainda mais dinheiro. João é dono do cortiço, da taverna e da pedreira. Bertoleza, é sua criada e amante, que fora enganada por ele com uma falsa carta de alforria. No sobrado vizinho mora Miranda, um rico comerciante português que tem problemas conjugais e só permanece em seu casamento devido ao dote de sua esposa.

João Romão inveja Miranda pela sua condição social superior e passa a trabalhar de forma árdua para enriquecer ainda mais. Miranda, então consegue um título de Barão e João entende que também é preciso ter uma posição social renomada. O cortiço é destruído parcialmente em um incêndio provocado pelos vizinhos “Cabeça de Gato”, e desta vez, João o reconstrói com ares

de classe média e o cortiço passa a se chamar “Vila João Romão”. Com o tempo, Romão aproxima-se de Miranda e então surge o interesse de casamento entre este e Zulmira, filha de Miranda, para que João possa adquirir uma posição mais nobre. Porém, o casamento não poderia acontecer por conta de Bertoleza, amante de Romão. Surge então a ideia de denuncia-la a seu dono, e quando este chega para buscá-la, ela tira a sua própria vida em desespero. Assim, João se casa com Zulmira.

Em paralelo a história de Romão, a obra narra episódios de outros moradores do cortiço, Rita Baiana e Capoeira Firmo e Jerônimo e Piedade. Jerônimo é contratado de João para supervisionar a sua pedreira e vive então com sua mulher Piedade no cortiço. Aos poucos, este se torna um brasileiro preguiçoso, malandro e cafajeste, pois se envolve com a mulata Rita Baiana, que mora também no cortiço e namora Firmo. Certo dia, Jerônimo envolve-se em uma briga com Firmo onde fora esfaqueado. Após a sua recuperação, arma uma emboscada, onde o mata e joga o corpo no mar. Piedade ao ver seu marido encantado por outra e tomando tais atitudes, se torna alcoólatra.

### **3. O Cortiço no contexto histórico do Brasil do Segundo Império:**

O início do movimento do Realismo correspondeu com a decadência do Segundo Império no Brasil, depois da Guerra do Paraguai.

Em 1870, o Partido Republicano foi fundado propondo a troca do trabalho escravo pelo trabalho imigrante. Neste âmbito, reconhecamos a origem dos principais personagens de Aluísio: João e Miranda, ambos são portugueses que estão inseridos neste contexto. Na obra observa-se também uma série de figuras trabalhadoras – lavadoras, operários, ferreiros e comerciantes – que comprovam as mudanças que estavam acontecendo.

A classe média brasileira empenhou-se com as ideias republicanas e de fato, estas campanhas foram parte das grandes reivindicações urbanas que ocorriam na América Latina na época. Santos (2009) relata com propriedade estas transformações:

“O final do século XIX é um tempo de muitas transformações na vida brasileira. Em 1888, é abolida definitivamente a escravidão. No ano seguinte, como resultado de um golpe militar, é proclamada a República. A cidade do Rio de Janeiro cumpre, em 1889, mais uma vez, um papel simbólico fundamental, pois é diante de sua Câmara Municipal, dissolvido o parlamento do Império, que se dá a posse dos membros do Governo Provisório da República, em vias de institucionalização. A República, porém, não extirpará num passe de mágica as mazelas do Brasil antigo, nem terminará com as profundas contradições sociais existentes no país. [...] O Rio de Janeiro, como cenário do novo regime, torna-se objeto de atenção das preocupações cientificistas da época. Movida pela ideologia do progresso, a virada do século será marcada pela ideia de modernização urbana – que caracterizará todo o século XX.”  
(SANTOS, 2009, p.5)

É justamente neste fim de Império e início de República que se inicia a formação dos cortiços; eram obras que abrigavam um grande número de pessoas que procuravam se instalar nos grandes centros para ofertar a sua mão de obra. A autora Esmeralda Blanco B. de Moura (1982) realiza um apontamento detalhado sobre a estrutura desses cortiços:

A cidade sofre, então, a pressão do crescimento demográfico: falta de «habitações decentes e baratas e necessidade de residir «perto do lugar de emprego dada à insuficiência e o alto custo dos transportes » provocam um verdadeiro confinamento do trabalhador nas habitações coletivas. [...] Casebres e cortiços multiplicam-se próximo aos estabelecimentos industriais, em «ruas infectas, sem calçamento», denunciando a precária situação socioeconômica do trabalhador. Residindo em habitações coletivas ou em casinhas – [...] aglomerando-se «para dormir» nos chamados hotéis cortiços.  
(MOURA, 1982, pg.22)

As condições citadas por Moura (1982) nos remetem nitidamente ao cortiço de João Romão. O personagem que é ganancioso e movido por sua ambição busca ter lucro construindo casinhas com material de segunda mão, roubados por ele e sua amante Bertoleza, e ainda goza com o ganho do aluguel das mesmas posteriormente. Visto que o cortiço de Romão era localizado próximo a sua pedreira, ele alugava moradias para seus empregados. Além destes, ainda residiam no local ex-escravos, imigrantes e outros cidadãos de baixa renda. A narrativa faz que a cidade vá se tornando o abrigo de ricos e pobres apesar de discuti-los permanentemente.

O centro do Rio de Janeiro, na época, tinha um comércio sofisticado e ali residiam os grandes profissionais. O bairro Botafogo, por exemplo, era um dos mais disputados pelas famílias nobres no Segundo Império, pois lá havia mansões, jardins e os Palácios Catete e Guanabara. É nesta região que passa a morar Miranda, quando se muda da Rua dos Hospícios para perto do Cortiço de Romão.

Os empregados dos palácios moravam em áreas da região que eram menos valorizadas como, por exemplo, perto do Cemitério São João Batista. Era justamente estas áreas que pertenciam a João.

Os dois grupos sociais destacados por Aluísio junto com João e Miranda – pobreza e nobreza - se diferenciavam ainda na forma de organização familiar. Os moradores do cortiço juntavam-se a seus pares, moravam juntos e tinham filhos sem muitos protocolos. Assim como se aproximam, se separavam; geralmente, o parceiro espontaneamente ia embora da morada. Exemplo disso, temos Rita Baiana que cansada de seu namorado aventurou-se nos braços de Jerônimo, que abandonou sua esposa Piedade desde que vira Rita dançar:

“E viu Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.” (ALUÍSIO, 2015, p.86)

Já na nobreza os hábitos eram repletos de formalidades. O casamento era decidido pelos homens e envolvia interesses sociais e econômicos; não havia, portanto, sequer intenção de consultar a mulher sobre tal acontecimento de sua vida. Na época, dever-se-ia evitar o matrimônio com as “classes inferiores” para manter os bens na família, e para isso era comum o casamento dentre os familiares.

Em *O cortiço* após João reconstruir sua estalagem de forma mais requintada e mudar alguns de seus costumes, este passa a manifestar o interesse de casamento com Zulmira, filha de Miranda, almejando a sua ascensão social e os bens da futura noiva conforme Aluísio (2015) descreve:

“Mas, só com lembrar-se a sua união com aquela brasileirinha fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desinsofrida avidez da sua vaidade. Em primeiro lugar fazia-se membro de uma família tradicionalmente orgulhosa, como era, dito por todos, a de D. Estela; em segundo lugar aumentava consideravelmente os seus bens com o dote da noiva, que era rica; e em terceiro, afinal, caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho.”  
(ALUÍSIO, 2015, p.242)

Diante destas interpretações, a obra de Aluísio é, portanto, um retrato histórico da sociedade carioca no final do século XIX após todas as marcantes transformações ocorridas. Aluísio retrata e representa em seus personagens o modo em que viviam os habitantes cariocas os hábitos e o seu cotidiano em casa, no trabalho e no lazer.

#### **4. Considerações finais:**

Em suma, a representatividade histórica desempenhada em *O cortiço* é muito rica pode-se dizer que a obra é uma alegoria do Brasil do final do século XIX sendo considerada ainda, a

maior representante do movimento do realismo naturalista da época devido à veracidade dos acontecimentos que envolvem seus personagens na narrativa.

Nesse sentido, vimos que no decorrer deste, as relações da obra literária com a realidade histórica do Brasil no século XIX é bastante abundante. Aluísio descreve nas entrelinhas de sua obra sobre o trabalho imigrante, a formação dos cortiços e o formato das relações sociais na época da recente abolição da escravidão, dos manifestos republicanos e da Proclamação da República Brasileira. Ele apresenta ainda detalhes precisos da forma em que ricos e pobres se organizavam de maneira familiar e como eram os seus costumes e as suas culturas.

### **Referências:**

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

COSTA, Luciana Daniele. A importância da literatura na sala de aula. Dados disponíveis em: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/37/artigo225090-1.asp>. Acesso em 06 de janeiro de 2016.

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. Porto Alegre: L&PM, 2015.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff. Literaturas: brasileira e portuguesa: volume único/Samira Yousseff Campedelli, Jésus Barbosa Souza. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Mulheres e Menores no Trabalho Industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Rio Grande do Sul, Editora Vozes, 1982.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. “Do Livramento ao Cosme Velho: o Rio de Machado de Assis”. Dados disponíveis em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/12/Do-Livramento-ao-Cosme-Velho.pdf>>. Acesso em 06/01/2016.

ARAÚJO, Felipe. Realismo no Brasil. Dados disponíveis em: <http://www.infoescola.com/literatura/realismo-no-brasil/>. Acesso em 06 de janeiro de 2016.

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. 36 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

VERÍSSIMO, J. História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Letras & Letras, 1998.

D'ONOFRIO, Salvatore. História da Literatura Ocidental: Autores e Obras Fundamentais. São Paulo: Ática, 1995.

AGUIAR, M. F.; NACHTIGALL, O. B.; VARGAS, P. P.; SCHUSSLER, R. O cortiço de Aluísio Azevedo: um retrato histórico da mulher promíscua na república velha (1890-1920). Revista Historiador. Número 01. Ano 01. Dez. 2008. Disponível em <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Data de acesso: 06 de janeiro de 2016.